

Ela só serve pra tomar chá

Sonia Regina de Mendonça

Eu sou de um tempo em que antiguidade era posto; a calçada era pública e mais valia um gosto do que cem vinténs. Eu sou de um tempo em que Lobato alfabetizava, o ensino primário era a base de tudo e o magistério era visto como sacerdócio. Eu sou de um tempo em que se beijavam as mãos dos avôs em benção, se respeitava os mais velhos (mesmo deles discordando) e se honrava o legado de seu nome e de sua família.

Eu estou “velha”. E já não se respeita a antiguidade dos mais “idosos” e nem se reverencia os avós. Tampouco se respeitam seus legados.

Por isso, é com imensa, imensa tristeza que vejo Ciro partir. Ele não foi apenas um intelectual que “marcou uma época” como se superado estivesse e pertencesse a um longínquo passado. Não. A competência, a seriedade, a coerência e a dedicação ao ensino (público) não são marcas “de uma época”, são estruturas estruturantes de uma vida, de uma personalidade, de valores que deveriam ser – mais que respeitados – adotados e seguidos.

A grandeza de Ciro – intelectual/pessoa – sobrepõe-se às “gerações”, supera as “famílias acadêmicas”, ilude àqueles que o tinham como “mero compilador de textos alheios”. Sua grandeza residia num pilar: a generosidade. Generosidade para com seus alunos manifesta no profundo respeito até mesmo para com aqueles que lhe colocavam as questões mais óbvias ou estúpidas; generosidade para com seus leitores, aos quais brindava, justamente, com sínteses e críticas a uma historiografia a qual, muitos deles, jamais se dariam ao trabalho de ler. Generosidade para com os colegas que dela se fizessem mercedores.

Ácido, cáustico, aparentemente arrogante? Irônico ao extremo, língua solta, polêmico? Por certo que sim. Defeitos? Tenho dúvidas, já que era “na lata” que proferia suas opiniões e pareceres, pessoais ou profissionais. Marxista rigoroso e “tacanho”? Jamais, pois, afinal, em tempos como os de hoje, qualquer marxista é brindado, aprioristicamente, com iguais epítetos! Coerente com sua formação e opção teórico-política? Certamente! E não poderia ser de outra forma, em se tratando de uma pessoa que respeitava os legados recebidos e deles fez, juntamente com outros ingredientes, a grande marca de seu estar no mundo: um extremo bom caráter.

Fui das poucas docentes da Área de História da UFF – a segunda “casa” de Ciro – que velou seu corpo, chorou de corpo presente sua perda, antecipando o doloroso fato de que não mais cruzarei com ele nos corredores do quinto andar para rir da última fofoca ou piada. E senti tristeza redobrada ao constar tantas ausências! Elas demonstram que as calçadas de minha infância foram privatizadas; que as bênçãos pedidas aos avós foram lançadas no lamaçal da modernidade; que o respeito pelas diferenças – em especial por aqueles que optaram pelo materialismo histórico e dialético –, marca maior da democracia, inexiste, de fato, na área de história dessa Uni-versidade. Como lamento

isso! Não por comungar do marxismo, mas por sentir extrema pena de todos aqueles que, com seu vetusto rigor e preconceito travestido de “moderna história”, perderam a oportunidade e o privilégio de conviver com uma pessoa generosa, grandiosa, rabugenta, às vezes até chata, mas engraçada, culta, de humor finíssimo, justa e amiga. É este, para mim, o maior legado que Ciro deixou e pretendo continuar a honrá-lo.

Vá em paz, me amigo. Descanse das liças. E se, porventura, esbarrar com a corcunda de Gramsci por aí, não se esqueça de beijar suas mãos em meu nome.

Niterói, 30-06-2013